

ENTRE PASSADOS FUTUROS: MODERNISMOS EM 2022 E 2024

HOMBEECK, Lucas van¹
BOTELHO, André²

RESUMO: Nesta contribuição coletiva do projeto *MinasMundo: o cosmopolitismo na cultura brasileira* buscamos debater a maneira como as efemérides do ano 1922-2022 vêm sendo comemoradas e quais horizontes se abrem para o centenário 1924-2024, ano chave do modernismo visto desde Minas-Gerais. Discutimos o cosmopolitismo como forma de problematizar a dependência cultural, o papel da cultura brasileira no mundo e as desigualdades da geopolítica global de produção do conhecimento, entre outras.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo, Cosmopolitismo, Identidade, MinasMundo.

Apresentação

MinasMundo: o cosmopolitismo na cultura brasileira é uma rede multidisciplinar de cooperação que reúne pesquisadores e pesquisadoras de diferentes instituições, áreas de formação e atuação acadêmica nucleada em cinco universidades: a UFRJ, a UFMG, a Universidade Princeton, a Unicamp e a UFRRJ. Constituída tendo em vista as comemorações do centenário da Semana de Arte Moderna em 2022, a rede propõe uma revisão dos sentidos do modernismo e dos seus legados na cultura brasileira. Seu objetivo é dar visibilidade acadêmica e pública ao cosmopolitismo da cultura mineira em diferentes áreas e linguagens: artes plásticas, literatura, música e ciências, entre outras. Nossa meta é preparar a comemoração do centenário da viagem dos artistas e intelectuais modernistas de 1924 a Minas como um novo marco para pensar o próprio modernismo, a cultura mineira e sua contribuição à cultura brasileira e universal.

1 Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA) do IFCS-UFRJ, bolsista Nota 10 da FAPERJ, editor executivo do Blog da BVPS (Fiocruz) e pesquisador do projeto MinasMundo. Email: lucashombreeck@gmail.com.

2 Doutor em Ciências Sociais (2002) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Professor Associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), pesquisador do CNPq (PQ) e da FAPERJ, como Cientista do Nosso Estado. Email: andrebotelho@digirotas.com.br

Toda a diversidade interna do projeto, que conta com mais de sessenta participantes atuantes em mais de dez áreas do conhecimento, em universidades de várias regiões do Brasil e do mundo, pode ser lida como um índice da dificuldade da definição da “mineiridade” – que este dossiê também busca problematizar. Toda nossa atenção ao tema do cosmopolitismo, portanto, se dá a partir de Minas Gerais (mas também *em, com* e até mesmo *contra* Minas) como forma de questionar o paradigma da identidade nacional que domesticou, homogeneizando-a, a própria compreensão da formação da sociedade brasileira. Um questionamento tanto por “dentro”, uma vez que promove reconhecimento das diferenças “internas” no Brasil, quanto por “fora”, explorando suas articulações “externas”. Minas, mundo; Minas-mundo.

Efemérides nunca são simples. Revelam sempre mais da atualidade que as comemoram do que do evento/momento que é comemorado. Mas, ao menos em tese, são também oportunidades para pensarmos o que existe entre o passado e o presente. Para que a própria dimensão de processo, em geral, oculta e ocultada no presente em que nos refugiamos, ganhe sentido e concretude na experiência social e individual. Como apontam diversas respostas que compõem esta contribuição coletiva do MinasMundo, as reflexões sobre o centenário da Semana de Arte Moderna e o bicentenário da Independência neste ano de 2022 estão acontecendo num momento particularmente dramático para a definição dos sentidos da história na construção de condutas, sentimentos, imaginações e linguagens que seguem nos atravessando hoje.

Por certo, muitas reflexões em curso se debruçam sobre o processo de nacionalização da cultura brasileira operado no século XX e as violências simbólicas e sociais aí implicadas. Mas, ao mesmo tempo, grande parte se reduz a polêmicas pouco produtivas, em que o passado figura como algo a ser ora esquecido, ora consagrado, e em que o presente parece uma espécie de território imaginado livre do processo que nele se esconde. Como se as escolhas do passado pouco pesassem sobre nós, e a história fosse um campo aberto à volição, sem estruturas de desigualdades. Que a efeméride seja aproveitada como um momento de reinvenção do Brasil está certo, claro. Mas essa reinvenção será mais socialmente consistente na medida em que pese ações e estruturas, escolhas e processos, sentidos atribuídos pelos indivíduos às ações e a lógica das consequências involuntárias delas.

Um dos aspectos que tem nos chamado mais a atenção nos debates sobre 1922-2022 é a ausência – ou relativa ausência – das questões relacionadas à dependência cultural, ao papel da cultura brasileira no mundo e às desigualdades da geopolítica global de produção do conhecimento, entre outras. É compreensível que, num momento de crise da democracia com tantas ameaças aos direitos sociais nos últimos anos, grupos da sociedade se voltem para o problema da “identidade nacional”. É mesmo o momento de discutir publicamente e recusar as violências simbólicas, a exclusão e a as relações de dominação envolvidas nos processos de construção do Estado-nação no Brasil e de nacionalização da nossa vida social. Mas independência e modernismo também envolvem, entre outras dimensões, problemas relativos à liberdade e à autonomia tanto coletivas quanto individuais que, de alguma forma, estão sendo eclipsados pela concentração no debate sobre identidade nacional, à direita e à esquerda do espectro político-ideológico.

Se identidades são relações, é preciso desconstruir/problematizar a ideia de identidade nacional e mostrar suas fraturas não apenas como processo "internos", mas também na dialética do local e global. O problema está relativamente bem codificado pela teoria social; a partir dela, se oferecem explicações da lógica das rupturas com os ideais de unidade nacional como reação típica à própria globalização e mundialização da cultura, por exemplo. Mas não deixa de surpreender o retorno à esfera pública do tema em conflitos contemporâneos – o que sugere bem como a mobilização de identidades coletivas segue sendo um recurso crucial na luta política.

Vale a pena pensar o problema que estamos colocando tendo em vista a hegemonia duradoura do paradigma da "formação" nas interpretações do Brasil; bem como, em contraste, nossa aposta em 2024 como um momento que favorecerá a discussão de um outro paradigma, aquele que Silvano Santiago chamou o da "inserção". Não sendo o caso de discutir em profundidade o tema neste momento, lembramos apenas que as questões implicadas no “paradigma da inserção” ganham desdobramentos e formulações decisivas nos ensaios reunidos em *O cosmopolitismo do pobre*, de 2008. Especialmente com sua crítica à pesquisa das “fontes” ou das “influências”, que, segundo Santiago, apenas reproduziriam o discurso neocolonialista e policialesco das origens, e, portanto, da pureza capaz de iluminar o resto. Ao contrário, o que interessa desse ponto de vista são os deslocamentos e tensionamentos das visões estáveis e

polarizadas de identidade; as múltiplas variações de significado a partir de um mesmo e aparente cristalizado significante. Que 2022 permita novos horizontes a serem criativamente explorados em 2024.

É justamente essa a discussão que buscamos interpelar, propondo aos participantes do projeto MinasMundo uma reflexão sobre o que estão sendo as revisões e efemérides deste ano, e o que pode vir a ser feito delas em 2024. Esperamos que o deslocamento para o centenário 1924-2024, ano-chave do modernismo visto desde Minas Gerais, possa ajudar a fortalecer perspectivas sobre o cosmopolitismo como tipo de relação descentrada e democrática de convivência do particular com o universal a partir da diferença local, que implica movimentos e aberturas em várias direções. Temos diante de nós a história, muitas mãos, e o sentimento do mundo. Agradecemos à organização do dossiê pela oportunidade de empreender esse exercício crítico e coletivo em torno dos modos específicos de ler a diferença cultural, e pelos quais se organizaram modulações de algumas das mais persistentes linhas de interpretação sobre o Brasil e seus dilemas. Boa leitura.

Respondentes

Angelica Adverse (UFMG)

Beatriz Malcher (UFRJ)

Bruno Viveiros (UFMG)

Carmen Felgueiras (UFF)

Eduardo Dimitrov (UnB)

José Newton Coelho Meneses (UFMG)

Mariana Chaguri (Unicamp)

Marília Librandi (Princeton)

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves (UFRJ)

Wander Melo Miranda (UFMG)

- 1. 2022 é um ano de muitas efemérides, entre as quais o centenário da Semana de Arte Moderna. Como você pensa que o movimento modernista e sua memória estão sendo recuperados este ano, e quais oportunidades você antevê para possíveis revisões a serem**

feitas em 2024, quando o MinasMundo comemorará o centenário da viagem modernista a Minas Gerais?

Angelica Adverse: Em entrevista ao Diário Carioca (1952), Manuel Bandeira disse que só haveria sentido em comemorar o marco da Semana de Arte Moderna de 1922 se ela fosse lembrada em 2022. Hoje, a efeméride deste Centenário coloca em questão o modo como a estrutura canônica desvela as contradições do período. E, talvez, a questão central e mais discutida ainda não tenha sido elucidada: como o pensamento modernista transfigurou a essência da experiência da modernidade como um tipo de (re)descoberta da brasilidade. Cendrars (1947), em seu Diário de Bordo, apresenta em um de seus versos que o civilizado dirige a exploração do mundo com maestria, ele dissocia e desagrega sem nenhuma atenção à cada região e diante de uma terra arrasada, ele pergunta: e depois de amanhã? É desta pergunta que partimos em direção à revisão desta efeméride. Somos hoje o “depois de amanhã” e nossa terra continua sendo uma matéria preciosa.

À maneira de Michel Melamed (2005), será necessário regurgitar a mitologia moderna, para que, além do revisionismo tributário alinhado às pautas emergenciais, nós possamos analisar qual o teor moderno da brasilidade. Charles Baudelaire (1863), unificou o transitório e o eterno para compreender a experiência moderna na arte. Desta maneira, ele introduziu uma noção peculiar do tempo no processo de percepção estético. O retorno ao arcaico sob a sintaxe visual modernista instaura uma ruptura temporal entre o passado e o presente. Por isso, rever a condição filosófica dos modernistas ainda nos leva a pensar o sentido da cultura brasileira como o cultivo da nossa terra. Para Hannah Arendt, há um pensamento em cada paisagem e somente quando nos inserimos numa “terra” ou “território”, nós podemos ter uma tomada de posição entre o passado e o futuro.

O mito da brasilidade estetizada pode ser compreendido como uma imagem dialética, seguindo aqui a noção de Walter Benjamin (2006): a imagem dialética seria apresentada pelo encontro do outrora com o presente. Desta forma, nós poderíamos compor uma constelação da viagem modernista a fim de pensar o “diário de bordo” como um índice da existência de um mundo social que aparece politicamente pela ação criadora da arte. Pois o centenário desta viagem seria, na verdade, a atualização de uma atitude de modernidade frente a experiência

histórica de um Brasil (re)descoberto. Esta atitude nos conduz a pensar que tipo de fratura se introduziu na memória coletiva da nossa cultura visual a partir da Semana de Arte Moderna de 1922. O resultado é, decerto, a escolha das formas e dos pensamentos que unificam o nosso presente ao passado. A revisão que nos cabe fazer é: qual é a paisagem contemporânea que sucede a uma paisagem anterior?

Beatriz Malcher: A partir da observação de como a memória do centenário da Semana de Arte Moderna tem sido recuperada por diferentes grupos, especialmente – mas não exclusivamente – nos meios intelectual e artístico, me parece haver uma espécie de disputa de narrativas que levam em conta o legado e as sombras deixadas por este acontecimento. Trato aqui o termo acontecimento enquanto uma bifurcação na causalidade histórico-temporal capaz de abrir novas possibilidades de existência crítica, política e estética. Sem negar a potência acontecimental da “Semana de 1922” e sem abrir mão de seu legado, é bastante evidente um deslocamento crítico levado adiante por atores e meios distintos na tentativa de pensar no Modernismo a partir de suas multiplicidades ou, ainda, de enxergar eventos contemporâneos à Semana de Arte Moderna com a mesma potência acontecimental. Para me focar exclusivamente em proposições públicas, ou seja, que ultrapassem os limites da Academia, podemos citar enquanto exemplo a FLUP deste ano, que comemora o Centenário do Modernismo Negro, cujas figuras centrais são Pixinguinha e Donga; o seminário ‘Diversos 22: Outros Modernismos’, organizado pelo SESC São Paulo, que procurou repensar a “Semana de Arte Moderna” a partir de seus apagamentos; ou o conjunto de colunas publicadas ao final do ano de 2021 e início de 2022 na Folha de São Paulo, onde autores de diferentes procedências críticas e teóricas procuraram pensar o legado e atualidade da Semana (como José Miguel Wisnik) e seus limites (como Luís Augusto Fischer) para a tradição artística e crítica subsequente. Neste sentido, acredito que a comemoração de 1924, que marca o centenário da viagem dos modernistas para Minas Gerais, funcionará como uma abertura crítica e uma resposta aos debates levantados hoje por diferentes grupos que interpretam e reinterpretam o Brasil. Pensar o ano de 1924 de acordo com sua devida potência acontecimental é pensar em um desejável deslocamento das proposições modernistas da “Semana de 22”, levando em conta as multiplicidades da(s) experiência(s) brasileira(s) e uma tensão entre localismo e cosmopolitismo. Deste modo, acredito que o MinasMundo, enquanto

projeto público, serve ao debate mais amplo sobre o Modernismo justamente na tentativa de pensar em múltiplos modernismos e, deste modo, em múltiplos acontecimentos que desconformaram – e ainda desconformam – proposições estéticas, históricas e críticas assentadas, abrindo espaço para experiências múltiplas de Brasil.

Bruno Viveiros: Penso que o projeto MinasMundo poderá aproveitar o centenário da viagem modernista a Minas Gerais para pensar a própria ideia de “Viagem” como experiência cognitiva necessária para repensar as bases da produção do conhecimento no Brasil da atualidade. Assim como a caravana modernista se encontrou com um Brasil novo ao visitar Minas Gerais, precisamos reinventar novas formas de conhecer o país fundamentadas por outras formas de encontro com o outro e com nós mesmos. A partir da relação de alteridade proporcionada pelo convívio com o diferente, o diverso, o desigual, o viajante coleciona histórias de lugares perdidos e tempos esquecidos, reunidos em um processo de re-significação da realidade. Em seu caminhar, ele não se cansa de descobrir o novo no velho e o velho no novo, como um estrangeiro ou como se tivesse mesmo olhos de criança. Este é também o modo como os compositores do Clube da Esquina criam suas canções. Ao vestir as vestes dos viajantes é possível redimensionar as fronteiras físicas e imaginárias de Minas Gerais devassadas, em 1924, por Mário de Andrade e demais modernistas e também por Milton Nascimento e seus parceiros musicais desde o final da década de 1960. Dessa forma, podemos dizer que os dois grupos de andarilhos, em diferentes contextos históricos, se encontraram e dialogaram na medida em que fizeram do viajar, uma experiência cujo prisma seria a tentativa de decifrar o mundo em uma busca que não se limitou ao poder da distância, mas que se abriu à vertigem do tempo. Quem sabe Mário de Andrade e Milton Nascimento nos convidam a viajar junto deles em 2024?

Carmen Felgueiras: O centenário da Semana de 22 é a ocasião em que se abre a oportunidade para um balanço e/ou consolidação das reflexões em torno dos sentidos do modernismo, tal como foi experimentado no início do século XX, e dos modos pelos quais continuou sendo validado até os dias de hoje. Contudo, muito longe do consenso, a contenda que corre pelas colunas dos jornais, pelas páginas dos suplementos literários e revistas especializadas é visivelmente marcada por perspectivas e objetivos teórico-políticos variados e, por vezes,

opostos. Percebe-se, por exemplo, que, para alguns, os modernistas são os responsáveis pela utilização do seu legado por gerações posteriores. Essa avaliação decorre de uma leitura de suas propostas centrada nas ideias de identidade e autenticidade nacional, prestando-se, conseqüentemente, a apropriações por ufanismos e interesses indevidos. Em outros casos, a crítica remete antes aos vícios que às virtudes pessoais e intelectuais dos participantes da Semana. Também neste viés estariam as críticas daqueles que os acusam de não terem respeitado os lugares de fala de indivíduos, suas tradições e histórias, de que se apropriaram; ao fim e ao cabo, trata-se de críticas fundadas no pertencimento de classe dos participantes do movimento que, por constituírem-se em um evidente julgamento moral, acabam lhes atribuindo sinais de cinismo e má-fé, ao apontar as contradições entre suas ideias e ações. Em oposição aos que mantiveram o modernismo vinculado ao Estado autoritário varguista, a um conceito estático e limitado de identidade e ao nacionalismo, há ainda uma outra vertente interpretativa que procura recuperar o seu legado democrático, diverso e cosmopolita, concebendo, em suma, o modernismo como movimento cultural de longa duração. Penso que essa via de análise constitui uma contribuição importante para o entendimento e recontextualização dos sentidos das várias experiências modernistas, como a da viagem de 24 e as que se lhe seguiram.

Eduardo Dimitrov: Anos de efemérides nos convidam a um exercício autorreflexivo. Assim foi em 1922, que relembra 1822, questionando os avanços e limites do processo de independência. A Semana de Arte Moderna, não apenas o evento em si, mas todo movimento de renovação que representa, foi um momento ímpar em que muitos dedicaram-se a compreender a formação do Brasil e a imaginá-lo para o futuro.

Muitas imagens foram construídas. Por vezes conflitantes, por vezes agregadoras, umas mais inclusivas, outras mais conservadoras, a maioria, porém, partindo de um consenso: o de que era preciso fortalecer um processo de construção de uma comunidade imaginada de tal forma que aprofundasse o processo incompleto de independência iniciado século antes.

Em 2022, as comemorações da Semana de Arte Moderna foram capazes de estabelecer o mesmo efeito autorreflexivo. Muitos foram os que dedicaram algum tempo para compreender o que foi o modernismo brasileiro, encontrar seus limites e propor avanços. Em 2022, no entanto, há um fator que, se não é novo, talvez estivesse em um hiato de menor potência em

1922. As forças que nos empurram para a condição colonial, aquelas que entravam nosso processo de independência em todos os âmbitos da vida social não só estão mais forte como estão no poder. Basta lembrar que em 2019 o atual presidente declarou num jantar em Washington: “O Brasil não é um terreno aberto onde nós pretendemos construir coisas para o nosso povo. Nós temos é que desconstruir muita coisa. Desfazer muita coisa.”³

De certa forma, este espírito contaminou parte pequena das avaliações de 1922 que pretendiam “desconstruir” uma suposta “farsa”. Algo semelhante pode ocorrer em 2024: poderão apontar supostas “farsas” nas viagens às Cidades Históricas. Caberá a nós, intelectuais preocupados com a independência e a imaginação de um Brasil inclusivo, disputar a interpretação de nosso passado e nossa fortuna intelectual. As melhores interpretações de 1922, e espero que assim façamos em 2024, foram aquelas que, identificando limitações e agregando novos atores, perceberam contra quem os modernistas disputavam a imaginação do país. Será preciso invocar os nossos para continuarmos atacando as forças que travam nossa independência.

José Newton Coelho Meneses: Como historiador tenho a memória social como o meu mais importante objeto. Além dela ser, ainda, campo reflexivo, conceito, instrumento de compreensão do passado e das complexas temporalidades históricas, bem como tradutora e mediadora das identidades. As efemérides são ótimas como artifícios de problematização dessa construção social, a memória, dinâmica, complexa, diversa e múltipla. Minha formação, também, me condiciona a ver impossibilidades de recuperações, de resgates (palavras muito usadas e pouco claras) e de narrativas muito afirmativas sobre os eventos passados.

Há poucos dias me surpreendi desejando um Mário de Andrade que não existiu e, ao mesmo tempo, conhecendo um outro que dele não sabia. Essas descobertas e esses desejos acerca do passado e de um personagem bastante discutido dos modernismos brasileiros evidenciam bem o que é a história: uma busca de compreensão crítica sobre temporalidades a partir do presente. Ninguém conhecerá Mário o suficiente. Podemos desvelar um pouco a cada

3 VALOR. **Nós temos é que desconstruir muita coisa, diz Bolsonaro durante jantar.** Disponível em: <<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/03/18/nos-temos-e-que-desconstruir-muita-coisa-diz-bolsonaro-durante-jantar.ghtml>>. Acesso em: 19 jul. 2022.

estudo, a cada reflexão e a cada discussão, desse ser tão importante construído e desconstruído por nossa memória; narrado distintamente por quantos o estudarem. Vale o mesmo para o modernismo brasileiro. Desvela-se muito dele no MinasMundo e, com igual importância, levantam-se muitas questões a serem clareadas.

O passado não passa, como bem expressou Henri Rousso, e a historicidade do tempo nos incomoda e nos abre para compreensões necessárias e exigidas na construção da memória, onde o construído continua em construção no presente; e busca o devir.

As efemérides clareiam essa dinâmica temporal e fazem com que busquemos a nossa compreensão pela apreensão crítica do acontecido. Não podemos esquecer – a memória tem tanto esquecimento quanto lembrança – da ação humana feita (fato) porque a humanidade nos interessa como humanos; porque sabemos da transmissão no tempo dos feitos dos humanos (tradição) e que ela é recheada de acréscimos inovadores. A tradição não se opõe à vanguarda, ao contrário, há vanguarda na tradição. O modernismo dialogou muito bem com isso: a inovadora busca da identidade nacional pela tradição. Como diria Mário de Andrade, “há tradição e tradição”. Ele buscava diferenciar as “tradições imóveis” das “tradições móveis” e há validade em suas proposições para se discutir, hoje, no campo do patrimônio, a integração entre o material e o simbólico. Retomamos Mário porque ele não passa. Não ficou em 22 na “Semana” ou nas viagens de 24, e o nosso caminho para 2024 será percurso de descobertas que a efeméride (na verdade as efemérides de 2022), motivadora do MinasMundo, encaminha. Ela e o projeto nos levam a compreensões e narrativas desveladoras.

A viagem dos modernistas paulistas às cidades coloniais de Minas (não “cidades históricas”, porque toda cidade é histórica), por exemplo, reconheceu uma paisagem urbana genuína e uma cultura específica e as elevou a um patamar de crítica reflexiva sobre o Brasil. Continuamos a fazer isso e a efeméride nos impõe a pensar criticamente quem somos, as encruzilhadas e os caminhos de toda a nossa trajetória histórica até o presente e para o futuro. Isso é o essencial. A cultura mineira e seu cosmopolitismo é o mote, a centelha que ilumina e espalha luz.

Mariana Chaguri: Em minha leitura, a recuperação da memória do movimento modernista está sendo feita sobretudo levando em consideração os temas e autores/as que contribuíram para

dar contornos estéticos, culturais e políticos para o movimento. Na esteira deste debate, me parece que as revisões a partir de outro marco, o de 1924, conduzido no interior do projeto MinasMundo, poderiam recuperar e atualizar temas recorrentes nos debates sobre a cultura brasileira, especialmente entre as décadas de 1940 e 1920: as tensões entre localismo e cosmopolitismo; entre diversidade regional e unidade nacional.

Deste modo, o projeto pode contribuir para fazer emergir diferentes mapas intelectuais, culturais e políticos do modernismo, alargando análises que leem em diferentes regionalismos indícios da rotinização do modernismo da Semana de Arte Moderna de 1922, ao mesmo tempo em que coloca em contexto e dialoga com interpretações que carregam os tons da independência e da dimensão cosmopolita das manifestações artísticas e culturais produzidas localmente.

Como vejo, seria possível, então, explorar a sugestão de que o modernismo seria um movimento estético, cultural e político que data dos anos 1920, mas que apenas teria conseguido se nacionalizar na medida em que passou a produzir mediações – históricas, sociais, culturais e políticas – que permitiram tomar diversidade regional e unidade nacional não como pares antitéticos ou dualismos estanques, mas como temas e problemas mutuamente implicados. Desse modo, 2024 nos permite compreender como – e por quais caminhos – o modernismo se nacionalizou.

Se esta pista for produtiva, temos a possibilidade de explorar o biônimo regionalismo e cosmopolitismo como central para compreender a nacionalização do modernismo, bem como para investigar sua abrangência intelectual, política e cultural. 2024, portanto, nos permitirá explorar em que medida a diferença se tornou constitutiva do modernismo e elemento chave para sua nacionalização.

Marília Librandi: Eu gostaria de realçar o modo como pensadores e artistas indígenas vêm contribuindo para uma revisão crítica de 1922, abrindo caminhos que são, ao mesmo tempo, ancestrais e futuros. O termo Arte Indígena Contemporânea (AIC) foi lançado por Jaider Esbell, o grande artista Macuxi que nos deixou em 2021, e vem sendo reproposto como Arte Indígena Cosmopolítica. Um de seus marcos foi a exposição Re-Antropofagia (UFF, 2019) com curadoria de Denilson Baniwa e Pedro Gradella. A partícula “re-” inscreve a re-tomada, o retorno e as res-postas dessa re-volta: “estamos ocupando um território simbólico e hegemônico

que historicamente construiu um imaginário da identidade nacional de forma excludente e discriminatória”, diz o seu Manifesto.

Em texto recente⁴, levantei algumas sugestões, que realço aqui para o centenário da viagem modernista a Minas Gerais em 2024. Lembrarmos que mais do que uma Semana cosmopolita, a AIC é uma Semente cosmopolítica, como as plantadas por Denilson Baniwa, ao criar um jardim no estacionamento da Pinacoteca do Estado de São Paulo, na exposição Vexoa (2020), com curadoria de Naine Terena. Praticarmos o “lugar de escuta” nas nossas escritas, e criarmos em colaboração autoral múltipla⁵. Re-descrevermos os autores da tradição brasileira que são/foram parceiros de cosmogonias originárias, como tradutores e transcriadores, de modo a desautorizar o imperativo da autoria nacional. E assim marcar a dívida brasileira e acentuar a dádiva indígena nas minas gerais. Que em 2024, o MinasMundo possa trazer junto artistas e pensadores indígenas de Minas Gerais para ritualizarmos juntos essa travessia da viagem, e que seja ela também científica, ecológica, cosmológica, artística, curativa, e também originária e futurística.

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves: O modernismo exerce grande influência na maneira como pensamos e fazemos o Brasil, portanto, de certa maneira, ele ainda norteia as formas de (re)construção dos projetos para o país. Ora, o verbo fazer vem do latim *facere*, que, por sua vez, vem também de *factum*, donde temos “fato”. Já a ideia de construir alguma coisa está nas raízes de “ficção”, que pode vir de *fingere*, ou seja, simular ou assumir uma aparência, e também de *fictio*, que significa moldar, dar uma forma. Neste sentido, o modernismo, por meio da literatura e outras artes, pode assumir um papel fundamental na sociedade contemporânea, se considerarmos que ele propõe outras formas aos fatos, isto é, novas perspectivas sobre a realidade social tanto no plano do pensamento quanto no plano das práticas cotidianas.

4 Marília Librandi. “Jaider Esbell, Makunaimã Manifesto e a Cosmopolítica da Arte Indígena Contemporânea.” In *Modernismos 1922-2022*. Org. Gênese Andrade. São Paulo: Companhia das Letras, 2022, pp.

5 Cf. Daiara Tukano, Denilson Baniwa, Gustavo Caboco e Marília Librandi. “Nem modernista, nem anti-modernista, a Arte Indígena Contemporânea (e cosmopolítica) na vanguarda de um Brasil que jamais foi moderno.” Entrevista por Ricardo Machado Instituto Humanitas Unisinos -IHU 26 Abril 2022. Link: <https://www.ihu.unisinos.br/618002-nem-modernista-nem-anti-modernista-a-arte-indigena-contemporanea-e-cosmopolitica-na-vanguarda-de-um-brasil-que-jamais-foi-moderno>.

Embora apareçam algumas tentativas de revisão do modernismo pautadas pela controvérsia, o que é inevitável, temos presenciado também esforços teóricos e críticos instigantes, que vêm rediscutindo os pressupostos programáticos do movimento à luz das mudanças do Brasil de hoje, sem perder de vista as tensões com a nossa história, com seus avanços e fracassos. Afinal, como nos ensina Mário de Andrade, “o passado é lição para se meditar, não para reproduzir”. E ele ressalta essa dimensão em uma das primeiras e mais importantes revisões críticas do movimento modernista, que é sua conferência de 1942, pela Casa do Estudante do Brasil, na então sede do Ministério das Relações Exteriores.

O projeto MinasMundo vem realizando um trabalho de grande relevância nesse sentido, em uma perspectiva ampla e multidisciplinar, pois reúne pesquisadores de diversas áreas e instituições no país e no mundo, enriquecendo bastante as releituras sobre o modernismo que têm entrado em pauta em nossos seminários de trabalho, congressos, mesas com convidados externos, publicações e cursos na graduação e pós-graduação. O conceito de modernismo como movimento cultural, por exemplo, desenvolvido por André Botelho e Maurício Hoelz (2022) em seu livro incontornável, é uma chave indispensável para (re)pensar os caminhos dessa viagem da Caravana Paulista, de 1924, *para Minas e em Minas*. Acredito que é fundamental reconstituir esse percurso intelectual, afetivo e cultural como um turista aprendiz, mas que busca, mais do que o reencontro, o desencontro com o que já viu. Ou, como diria Paulinho da Viola, em “Samba do amor”, “Voltar quase sempre é partir/ Para um outro lugar”.

Wander Melo Miranda: O centenário da Semana de Arte Moderna de 1922 permite revisões sobre arte, literatura e cultura, em vista de seus desdobramentos nesses 100 últimos anos, nos quais a cultura brasileira atingiu alto nível de realização em várias áreas. São, direta ou indiretamente, conquistas dos primeiros modernistas, que abriram caminho para a desprovincianização de artistas, músicos e escritores, tornando-os mais livres para experimentar e, conseqüentemente, criar novas formas de expressão artística. A vinda a Minas da chamada caravana paulista em 1924 possibilitou o contato com uma forte tradição nacional que já se fazia sentir desde o século XVIII e da qual a obra de Aleijadinho é o exemplo mais luminoso. Reconectar-se com essa tradição pelo viés moderno/modernista – e fazê-la falar – foi uma das mais importantes realizações dos então jovens desbravadores. Tratava-se de criar um projeto

pedagógico de nação a partir da metáfora de “muitos como um”, considerando-se a heterogeneidade componente de nossa identidade decolonial. Era, evidentemente, um projeto do alto, elitista na sua origem, mas que atentava para os mitos populares que nos constituíam e diferenciavam, tornando-nos aptos para participar do concerto das nações com voz própria, na qual o elemento heteróclito dominante afirmava não haver civilização, mas *civilizações*. Abria assim, no plural, possibilidades inusitadas de criação no presente e formas de mudanças futuras, capazes de dar conta de demandas sociais e políticas que até hoje nos convocam. Passados 100 anos, esse desejo desbravador ainda pulsa e nos leva a performar cotidianamente nosso projeto, sempre inconcluso porque aberto, de nação.

2. De que maneira Minas Gerais e o cosmopolitismo da/na cultura brasileira aparecem na sua pesquisa, de forma geral e no trabalho realizado junto ao projeto MinasMundo? Quais são os materiais e questões com que você trabalha, e de que maneira a passagem por Minas possibilita relações de convivência com o universal a partir da diferença local?

Angelica Adverse: O trabalho de pesquisa que desenvolvo diz respeito ao fenômeno da Moda como expressão do Cosmopolitismo em Minas Gerais, mais especificamente, na cidade de Belo Horizonte. A partir dos limites temporais da experiência da modernidade, a pesquisa analisa como a difusão das tendências da moda internacional emerge com a fundação da nova cidade. A adoção de uma nova estética da aparência reflete a nova conduta urbana. A Moda torna-se parte da configuração de uma cultura urbana, sendo utilizada como uma tecnologia de civilidade para adequar a aparência dos corpos às proposições estéticas dos grandes centros urbanos, em particular, à cidade de Paris. A partir das crônicas literárias, dos poemas, das fotografias, do Design e da Moda, tento entender em que medida o ideário modernista pode ser compreendido pela performatividade da aparição. A imagem torna-se parte do projeto moderno cosmopolita para transcender a condição provinciana de um país estruturado por uma economia rural. A pesquisa constitui-se por um arquivo de imagens e de citações que retratam a cultura moderna. Como relata Siqueira (1997): “se os mineiros pretendem fazer de Belo Horizonte uma pequena Paris, começam a fazer de si mesmos um arremedo dos parisienses. Nas roupas que usam, nas práticas sociais que adotam, na literatura que cultivam, enfim, em tudo que fazem há uma

intenção: demarcar seu espaço e garantir sua presença e participação na cidade moderna e civilizada”. A tensão entre o moderno e o arcaico será o centro da discussão modernista mineira. Belo Horizonte apresenta uma sensibilidade conflitante diante da inquietação a respeito da alteridade cosmopolita. Do ponto de vista histórico, o local foi compreendido como uma memória passadista a ser superada, o modernismo e a Semana de Arte Moderna adquirem concepções bem diferentes da produção do Grupo Paulista. O ponto fulcral da pesquisa é apresentar a tensão dialética nas cenas do modernismo da província a partir da qual a Moda torna-se um dispositivo para renovação das artes e dos costumes sociais.

Beatriz Malcher: Minha pesquisa realizada junto ao projeto MinasMundo tem em vista a fotografia do mineiro Sebastião Salgado, levando em conta os recursos literários mobilizados por sua poética, assim como os processos de escrita e reescrita da História em seus ensaios *Êxodos* e *Genesis*. Para tal, considero que Minas desempenha um papel fundamental na trajetória do artista, que ao longo da maior parte dos anos procurou repensar os processos históricos em curso a partir das margens e do ponto de vista dos vencidos. No entanto, a exposição imediata da catástrofe e da ruína humana, denunciada por muitos – como o exemplo de Susan Sontag – como uma espécie de “estética da miséria”, prejudicaria, em muitos pontos, o potencial crítico de seu trabalho. É apenas na década de 2000 - quando o fotógrafo retorna às Minas Gerais e encontra a fazenda em que cresceu, em Aimorés, devastada, e com o subsequente programa de reflorestamento da região -, que a fotografia de Salgado ganha em potencial crítico e estético. Tendo passado a maior parte de sua vida buscando registrar o mundo, é de volta a Minas que o fotógrafo consegue encontrá-lo. O trabalho que faz nos anos que seguem tem como resultado o ensaio ambiental *Gênesis* (2013), no qual tenta captar o mundo à beira da dissolução, mas ainda intocado pela barbárie humana. Deste modo, meu projeto busca investigar, a partir da trajetória de Salgado, como as particularidades das catástrofes encaradas pelo estado de Minas Gerais, e sua relação intrínseca com o capitalismo, dizem respeito a uma crise de dimensão global. Em outros termos, a pesquisa busca observar como, ao se voltar às questões mais locais e particulares de Aimorés, o fotógrafo pôde ter uma dimensão mais ampla e desenvolver uma crítica mais acertada de questões globais.

Bruno Viveiros: A discussão em torno do “Cosmopolitismo” é um dos eixos temáticos da pesquisa “Clube da Esquina: encontros e despedidas nos caminhos da canção popular brasileira” desenvolvida junto ao projeto MinasMundo. O diálogo entre o local e o universal é perceptível na maneira com a qual os compositores criaram, entre os anos 1960 e 1970, uma musicalidade inovadora a partir da fusão de referências tais como: as tradições ancestrais do interior mineiro, das manifestações da África negra presentes nos congados e folias de reis ao catolicismo festeiro e popular; as novas possibilidades rítmicas inauguradas pela Bossa Nova; as diferentes vertentes do jazz e do rock em circulação nas cidades do ocidente, os sons da América Hispânica. Além das expressões musicais, o Clube da Esquina construiu pontes entre outras linguagens artísticas como o cinema, teatro, dança e literatura que possibilitaram o encontro entre Minas Gerais, o Brasil e o Mundo. Ao enveredar pelos caminhos abertos pela canção, o horizonte de expectativas dos compositores reunidos em torno de Milton Nascimento se alarga e engloba outras visões de mundo em um mesmo ponto de vista. A guinada possibilitada por esse olhar diverso direcionado para todas as direções reais e imaginárias seria capaz de inventar uma esquina em que se fundem resquícios de passado e possibilidades de futura em um presente aberto, poroso e lacunar. Esta esquina seria o ponto de partida para a criação de narrativas que colocam em discussão valores, ideias e princípios próprios do mundo público como Amizade, Liberdade, Memória, Utopia.

Carmen Felgueiras: Minas Gerais e o tema do cosmopolitismo constituem o centro de minha pesquisa sobre a memorialística e a ensaística de Afonso Arinos de Melo Franco. A título de exemplo, cito o contraste que estabeleço entre as viagens de juventude do autor à Europa e aquela a Ouro Preto, em 1936. Observo nos relatos das primeiras a presença da tradição europeizante própria do círculo familiar e de amigos mais próximos e, na segunda, o modo como Afonso Arinos articula a essa tradição as influências modernistas – no sentido de que sua disposição de busca “calma, deliberada, refletida” do que é estável, permanente e universal nas nossas tradições tome um rumo mais lírico e aventuroso, do acaso, da descoberta e da invenção. A partir dessas considerações, a viagem de Afonso Arinos para a cidade mineira, feita em companhia de Pedro Nava, João Gomes Teixeira e Francisco de Assis Magalhães Gomes e narrada em *Roteiro Lírico de Ouro Preto* pode ser compreendida em pelo menos duas

dimensões. De um lado, como uma descoberta das tradições nacionais, nas quais ele enfaticamente se inclui – e aos seus. De outro, como a adoção de uma forma específica de entendimento daquelas relações entre o nacional e o estrangeiro, que passa por uma via de moderação da ênfase excessiva posta em um ou outro daqueles dois polos na formação da cultura brasileira. Cabe lembrar que a visita de Mário e Oswald de Andrade, Paulo Prado, d. Olívia Guedes Penteadó, Tarsila do Amaral e Blaise Cendrás a Ouro Preto em 1924 tanto pode ser compreendida como representativa desse “*grand tour*” interno como também, em função mesmo da sua ênfase na busca do autêntico e do nacional, dá o tom e o contexto da instabilidade e da ruptura parcial de Afonso Arinos com as tradições europeizantes. Esse contexto de instabilidade se constitui quer objetivamente, em função das ameaças ao patrimônio material que é Ouro Preto e em virtude das quais é criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) em 1937, quer por meio da disputa acerca do significado das relações entre o nacional e aquelas tradições europeias, disputa que dá a impressão de sumarizar as principais questões em debate na época.

Eduardo Dimitrov: No projeto MinasMundo dedico-me a compreender a trajetória do pintor Alberto da Veiga Guignard articulada ao tema do cosmopolitismo. A condição periférica do sistema cultural brasileiro fez com que boa parte dos intelectuais, tal como Guignard, tenham buscado formação e experiências em cidades mais centrais, onde os mundos de atuação estavam mais estruturados e especializados. Ao retornarem para o Brasil, inserem-se em redes pouco especializadas e, ao mesmo tempo, estabelecem diálogos mais horizontais e plurais com diversas áreas da produção cultural. Se na Europa os amigos de Guignard eram basicamente jovens artistas, ao retornar ao Brasil, em 1929, quando já contava 33 anos, Guignard entra em uma rede de ampla abrangência profissional (artistas, jornalistas, advogados, médicos, empresários, romancistas, poetas, políticos, jovens estudantes), o que diversifica qualitativamente seus contatos.

Guignard, que em suas primeiras obras brasileiras não era visto como um pintor moderno foi, na verdade, tornando-se modernista justamente na medida em que aumentava sua dependência a essa rede de sociabilidade e adentrava a essa gama de sentimentos, linguagens e expectativas cultivada por esses diferentes intelectuais. Ele mesmo identifica esse percurso em

uma carta ao amigo argentino Emílio Pettoruti, em 1931: “Pense como isso é engraçado: em 1915 eu aprendi a desenhar em Munique. Em 1925 eu aprendi pintura em Florença. E em 1930 eu realizei um começo modernista no Rio mesmo.” A graça que Guignard enxergava era a de que o caminho do modernismo, nesse caso, não era do centro para a periferia, de uma importação simples e direta, mas de uma conversão executada na periferia. O nosso cosmopolitismo é uma rede com rotas entre centros e periferias quantitativa e qualitativamente diversas que se retroalimentam também internamente. O que nos abre novas maneiras de pensar a relação entre centros e periferias.

José Newton Coelho Meneses: Meu projeto objetiva pensar a mesa mineira como linguagem que dá a conhecer a cultura de Minas. Não há mesa que não seja cosmopolita. Essa não é a facilidade, mas a grande dificuldade em minha proposta compreensiva. No entanto, parto da premissa da existência de uma dinâmica cosmopolita em nossa cultura, que a comida, como linguagem, expressa e que os modernistas de Minas narram, em sua literatura.

Tento pensar a comida de Minas Gerais desde seu tempo colonial, nesse espaço fronteiriço inicial, “Minas é portuguesa, mas não é Portugal”. Ela tem na herança lusa um eixo importante, mas não rígido; na raiz ameríndia um alicerce sustentador, aberto às levezas das sazonalidades; nas culturas africanas um baluarte essencial de cerne moldável, das diversas africanidades que nos edificam. Para além disso, registra em sua comida maleabilidades de influências variadas dessa tríade colonizadora: um português plástico, conhecedor dos mundos, e etnias ameríndias e africanas múltiplas, detentoras de saberes e de fazeres plurais. Sobretudo, em sua cozinha e em suas práticas, apresenta a interrelação das regiões do Brasil, em um processo histórico marcado pelo trânsito interregional e pela receptividade fácil e comedida do outro. Minas, desde sua formação colonial, é um interior paradoxal de sertão fechado e de fronteira aberta, com permeabilidades e cosmopolitismos que sua cozinha denota. Há um apego à domesticidade do quintal domiciliar e às suas relações de vizinhança abertas às trocas. Uma construção de um gosto reprimido pela tentação do isolamento confortável e pelo rompimento de linhas demarcatórias em direções aos quintos cantos de seu entorno, porque o diálogo se impõe no ato de buscar comida e de comer.

A comida de Minas é o vasculhar do quintal e o desejar o que ele não tem. É o nosso cotidiano de complementaridade entre a cozinha e o quintal que fornece variedades, mas não sossega o desejo de se buscar e ter o diferente. Gosto é, sobretudo, desejo.

Penso que a literatura, como a história, busca a apreensão do real, mesmo em narrativas distintas, onde a presença da imaginação, em ambas, trabalha com a liberdade ficcional em graus diferentes. A história da alimentação que busco fazer quer compreender e apreender realidades encontradas nos documentos dos arquivos e nas narrativas da literatura, confrontando-as, dimensionando construções de um cotidiano da cozinha aberto, onde o desejo do diferente está presente. O desejo seria a base desse cosmopolitismo criativo.

Como as literaturas de Pedro Nava (adjetivada claramente de memorialística), Cyro dos Anjos, Autran Dourado, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Murilo Mendes, Silviano Santiago, e outros, mostram a mesa como memória de uma cultura cosmopolita? Como suas memórias, de si ou em seus personagens, evidenciam a comida? Ela aparece como transmissão de práticas e de gostos? A mesa de bar, a da casa da avó materna, a da família rica da cidade que acolhe o parente rural, a mesa da roça, os quintais, as cozinhas, seus cheiros... narram vivências de heranças múltiplas onde o local e o universal amalgamam-se e tensionam-se. É esse o cosmopolitismo de nossa mesa, fruto desta tensão derivada do desejo? São, a cozinha, a mesa, o gosto, a comida, o conjunto complexo e dinâmico de tradições específicas marcado pelo diálogo? Questões motivadoras de busca compreensiva.

Mariana Chaguri: Em minha pesquisa, abordo a participação de mulheres mineiras nas mobilizações em torno da Revolução de 1930. Para tanto, recorto gestos, atos e palavras de um conjunto de mulheres que, entre 1929 e 1934, lançaram-se em variados esforços para produzir e colocar suas ideias em movimento em iniciativas como o Batalhão Feminino João Pessoa; a Associação Feminina João Pessoa (AFJP); a Legião Feminina Mineira; o Partido Liberal Feminino Mineiro; e o I Congresso Feminino Mineiro, realizado em 1931.

No caso específico da pesquisa, as relações de convivência com o universal a partir da diferença local são lidas a partir da diferença de gênero. Empiricamente, investigo um contexto marcado por fortes controvérsias sobre os alcances e limites da emancipação, da igualdade e da liberdade, bem como sobre seus sentidos. Ao tratar esse contexto analiticamente, temos que ler

a convivência acima aludida implicada no debate das categorias da identidade e da diferença, e, portanto, na reflexão sobre a construção de identidades dos sujeitos políticos.

A pesquisa analisa, assim, o modo pelo qual as diferenças são mobilizadas para a construção de demandas e reivindicação de direitos. O enquadramento do projeto MinasMundo permite, então, olhar a Revolução de 1930 por outros ângulos, perguntando quantas revoluções estiveram contidas nela e de que modo rupturas e transformações institucionais foram objeto de disputas, sonhos e aspirações de diferentes grupos sociais que, neste processo, se constituíram como sujeitos políticos e passaram a produzir diferentes imaginações sobre a modernidade brasileira.

Neste exercício de descentramento, as implicações entre modernismo e Revolução de 1930 também são observadas a partir de novas nuances, desdobrando questões sobre as possibilidades de conciliação entre o cosmopolitismo e o reconhecimento a certas formas de diferença e a sua negociação democrática.

Marília Librandi: Junto ao MinasMundo desenvolvo um projeto de pesquisa que tem como fonte a obra de João Guimarães Rosa, e que se intitula “O cosmopolitismo de nenhum e a cosmopoética do múltiplo”. No primeiro estudo, um verso do poeta norte-americano, Wallace Stevens, “all/one ear”, oferece ocasião para pensar a unidade e a comunidade do Um (“all+one”) e do individualismo (“alone”), na cultura norte-americana anglófona, em contraste com o “nenhum, nenhuma”, o “nonada”, o “coisinha nenhuma”, que aparecem contínuas vezes na obra de Rosa. A função paterna, explícita na nação dos “Founding Fathers”, será contrastada com a função paterna problematizada, afastada, no meio do rio, na orfandade, e no enigma da “terceira margem do rio”. Como pensar o local-universal, ou qual noção de comunidade se depreende dessas expressões em contraste: “todos um” (que não é o mesmo que “todo mundo”) e “nem um/nonada”? A intenção é avançar o paralelo em relação ao México, através da noção de “nenhumamos”, que aparece em *El labirinto de la soledad*, de Octavio Paz, e o modo como foi estudado por Silviano Santiago, em *As raízes e o labirinto da América Latina*. Por fim, o “all/one ear” (todos/ uma só orelha) de Stevens é contraposto ao símbolo do infinito, a

lemniscata, que encerra/abre o *Grande Sertão: Veredas*, a partir de anotação feita pelo próprio escritor, e que demarca: “∞ = par de orelhas”.

No segundo estudo, venho pensando a noção de rede a partir de uma frase de G.Rosa. Em “Aletria e hermenêutica”, lemos: “Rede é uma porção de buracos, amarrados com barbante cujo paradoxo traz-nos o ponto de vista do peixe.” Relaciono essa imagem com a cosmopolítica ameríndia, e sua diplomacia inter-espécies, presente no detalhe minucioso das frases de Rosa, que nos apresenta um mundo perspectivista no qual “tudo era falante”. Como entender (ouvir) a presença de um pensamento ameríndio no Mundo Minas de João Guimarães Rosa?

Rodrigo Jorge Ribeiro Neves: Venho me dedicando à pesquisa da correspondência de escritores, manuscritos literários e de arquivos pessoais. No caso do projeto MinasMundo, intitulada “Três missivistas mineiros: modernismo, sociabilidades e arquivos da formação”, proponho uma investigação em torno dos papéis exercidos por três mineiros na constituição das redes de sociabilidade modernista a partir de suas cartas com Mário de Andrade: Rosário Fusco, Pedro Nava e Carlos Drummond de Andrade. Dado o caráter híbrido e remissivo da escrita epistolar, a compreensão desses diálogos nos auxilia a acompanhar outros vetores de atuação do movimento modernista nos decênios de 1930 e 1940. O empenho pedagógico de Mário de Andrade em sua relação com os moços, por meio da correspondência, é tensionado ao levarmos em conta também a contribuição de cada um na construção e reconfiguração do projeto modernista, desestabilizando as centralidades.

Quando um jovem médico como Pedro Nava envia seus poemas e desenhos para a apreciação de Mário, não é apenas a busca pela legitimação do escritor paulista, mas também o uso do espaço da escrita epistolar como campo de pesquisa, crítica e criação. Do seu lugar em Minas, em sua dupla acepção, Nava comenta quadros de Tarsila do Amaral inspirados na passagem da Caravana Paulista, em 1924, e projeta outras figurações da paisagem mineira por meio da estética cubista da pintora. O poeta-farmacêutico Drummond, prescreve, para Fusco, doses de Mário de Andrade, servindo, assim, como elemento difusor e aglutinador entre os jovens intelectuais mineiros. Fusco adota a medicação e a recomenda para outros. A aproximação de Mário com Carlos Lacerda, por exemplo, um dos jovens cariocas decisivos em sua guinada estético-política nos anos 1930, se dá pela intermediação do escritor de Cataguases,

que havia se mudado para o Rio de Janeiro, então capital federal. Além disso, Fusco também participa da articulação para que Mário faça sua primeira conferência na Casa do Estudante do Brasil, entidade para o qual daria outras contribuições importantes.

Portanto, vejo no estudo das cartas uma maneira de ampliar as perspectivas sobre a contribuição dos escritores mineiros no movimento modernista, tendo em vista o cruzamento do universal e do local, tanto nos deslocamentos físicos quanto nos reposicionamentos estéticos e políticos. E a escrita epistolar é interessante para analisar essa dimensão, já que, ao mesmo tempo, ela estabelece as distâncias e dissolve as fronteiras.

Wander Melo Miranda: O projeto MinasMundo é, em muitos sentidos, herdeiro dessa tradição moderna da cultura brasileira, fazendo avançar de modo transdisciplinar o conhecimento do país e sua inserção global. O cosmopolitismo é uma das faces – talvez a mais importante – dessa inserção, ao dar voz e incrementar o diálogo da nossa cultura com as demais, ao destacar o traço diferencial que nos identifica e que acrescentamos a essa interlocução. Ao colocar em contato e confronto o local e o global, estabelecem-se não só novas perspectivas de leitura e análise da história social brasileira, mas as possibilidades que se deixou em aberto e cabe resgatar, no sentido de fazê-las atuar no presente como forma de intervenção cultural, social ou política. Meu trabalho atual tem a ver com isso. Trata-se de sistematizar noções decisivas do pensamento literário no Brasil, a partir da discussão teórica da noção de *biopolítica* e sua relação com a literatura, questão ainda pouco estudada. Para tanto, procura eleger um corpus de textos literários – os “romances da decadência” de Cornélio Penna, Lúcio Cardoso, Godofredo Rangel, Autran Dourado, entre outros –, dando-lhe uma organização crítica capaz de contribuir para uma discussão mais ampla das relações entre arte e cultura, saber e poder, literatura e formas de subjetividade e socialização, levando em conta a constituição da memória literária e cultural do país. De várias perspectivas, os “romances da decadência” salientam mais do que preenchem a fissura narrativa entre impulso modernizante e herança do passado, ao deslocar o valor do moderno pela assombração do passado que teima em não ir embora. Trazem à cena histórica e literária um ritmo temporal específico, abrindo-se ao movimento interminável de diferença, rasura e vertigem que constitui o imaginário da ordem patriarcal e seus desdobramentos no presente.

Bibliografia

BOTELHO, André; SOUZA, Eneida Maria de; CHAGURI, Mariana; HOELZ, Maurício; MONTEIRO, Pedro Meira. MinasMundo: quase um manifesto. Disponível em <<https://projetominasmundo.com.br/manifesto/>>. Acesso em 29 ago. 2022

BOTELHO, André; HOELZ, Maurício. *O Modernismo como movimento cultural. Mário de Andrade, um aprendizado*. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2022.

BOTELHO, André. Movimentos culturais e mudança social. *Jornal Literário Pernambuco*, 16 ago. 2021. Disponível em <<https://suplementopernambuco.com.br/artigos/2740-movimentos-culturais-e-mudan%C3%A7a-social.html>>. Acesso em 29 ago. 2022.

BOTELHO, André; HOMBEECK, Lucas van. O balão, o serrote e o indivíduo: cosmopolítica do memorialismo modernista. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 10, n. 25, p. 36-62, mai-ago 2022.

EDER, Klaus. Identidades coletivas e mobilização de identidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 18, n. 53, 2003.

HOMBEECK, Lucas van. *Poema sujo, intérprete do Brasil*. São Paulo: Hucitec, 2022.

LIMA JR. Carlos; SCHWARCZ, Lilia M.; STUMPF, Lúcia K. *O sequestro da independência: uma história da construção do mito do Sete de Setembro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

SANTIAGO, Silviano. “A Anatomia da Formação: A Literatura Brasileira à Luz do Pós-Colonialismo”. *Folha de S. Paulo*, 7 set. 2014, Ilustríssima, pp. 4-5.

_____. “Formação e Inserção”. *O Estado de São Paulo*, 26 mai. 2012.

ABSTRACT: On this collaborative contribution by the project *MinasMundo: o cosmopolitismo na cultura brasileira*, we aim to debate the way in which the anniversaries of the year 1922-2022 have been celebrated and the horizons that open up to the 1924-2024 centennial, a key year for modernism as seen from Minas-Gerais. We discuss cosmopolitanism as a way to question cultural dependency, the role of Brazilian culture in the world and the inequalities of the global geopolitics in the production of knowledge, among other issues.

KEYWORDS: Modernism, Cosmopolitanism, Identity, MinasMundo